

ÑE' Ê NGATU: O COMUNICADOR DA FRONTEIRA MATO GROSSO DO SUL- PARAGUAI*

Marlei Sigrist**

Resumo: Com o objetivo de delinear um perfil da folkcomunicação a partir da localização do homem e suas manifestações, o estudo privilegia a linha de fronteira Brasil-Paraguai, onde foi possível encontrar o "desconhecido", porém, muito presente no cotidiano popular - o "ñe' ê ngatu", o comunicador em linguagem da fronteira, que se repete em um programa de rádio na capital sul-mato-grossense, cuja característica maior é o trilingüismo utilizado, concomitantemente, durante o tempo de sua apresentação. Nele, descobre-se, entre seus ouvintes, a melhoria da auto-estima, a consciência de cidadania e melhor processamento das informações.

Palavras Chaves: trilingüismo; rádio; fronteira; guarani-paraguaio.

Abstract: With the aim of drawing the profile of folk communication from the standpoint of man and his manifestations, this study privileges the border of Brazil with Paraguay where it is possible to encounter the "unknown", something very present in people's daily life – the "ñe' ê ngatu", the communicator in the language of the frontier, which is repeated in a radio program of the capital of Mato Grosso do Sul, Campo Grande, whose greatest characteristic is its trilinguism used, concomitantly, during the presentations. Through it, listeners find higher self-esteem, citizen's consciousness and better processes of information.

Key-words: Trilinguism, radio, border, Guarani-Paraguayan.

* Este trabalho foi apresentado na VI Folkcom, em Campos/RJ, em 2003.

** Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, docente do Departamento de Arte e Comunicação da UFMS, presidente da Comissão Sul-Mato-Grossense de Folclore, pesquisadora da Rede Brasileira de Folkcomunicação/FOLKCOM.

INTRODUÇÃO

A língua conduzia, boiando, centos de lembranças,
de estórias que se insinuavam, como a umidade numa parede,
nas memórias brancas dos homens e dos meninos.
E essas estórias atravessaram os tempos, guardadas nos ouvidos coletivos
como em conchas dizem guardar do mar a sonoridade das vagas.
(Casculo, 1984, p. 86).

A linguagem é um instrumento de comunicação e apresenta três importantes funções: a expressiva, pela própria necessidade do ser humano expressar-se e o faz por meio da linguagem; a comunicativa, que está vinculada à expressão do contexto, para que o receptor compreenda o emissor; e a apelativa, que vai agir sobre o receptor, por intermédio da ação apelativa na expressão do emissor Donadon-Leal (2002).¹ A linguagem, sendo uma das inúmeras manifestações da cultura popular e, portanto, folclore, é observada nas diferentes falas regionais. Câmara Casculo não cansava de reforçar, em suas obras (uma delas o Dicionário do Folclore Brasileiro), que nos gestos, idéias, sentimentos, palavras escritas ou verbalizadas, a linguagem se mantém com suas características essencialmente regionais. Assim sendo, enquanto comunicação popular (manifestação do folclore), a linguagem deve ser observada na própria vivência do grupo estudado.

O objeto de análise escolhido para o presente estudo é o trilingüismo da região da fronteira Brasil-Paraguai, em Mato Grosso do Sul, um recorte da linguagem popular utilizada enquanto comunicação oral no cotidiano e que, recentemente, conquista espaço na mídia, com o programa de rádio **Ñe' é ngatu**, na FM Educativa 104.7.

O objetivo desta análise é estudar a difusão da cultura popular pela indústria midiática, identificando a dinâmica utilizada nesse processo e a forma de dimensionar os modos de ser das comunidades envolvidas. O estudo envolveu três etapas: o da identificação e contextualização, a verificação dos processos midiáticos e a caracterização do produto que se deu a partir de gravações dos programas e entrevistas com os participantes e a apresentadora Margarida Román.² O período da pesquisa sobre a veiculação do fenômeno, na rádio Educativa, foi estabelecido a partir de abril/2002 até fevereiro/2003.

¹ O estudo da fala, desenvolvido pelos lingüistas, também incorporou, desde os anos 30, as manifestações populares como objeto de análise.

² Margarida Román foi a idealizadora do programa e acumula as funções de direção, produção e apresentação.

IDENTIFICAÇÃO

Aprender nessas manifestações o limite da resistência possível de comunidades empobrecidas, cuja meta é a superação da marginalidade social (Melo, 2001).

A linguagem popular, caracterizando os falares regionais, segundo Lima e Andrade (1983), tem seus fundamentos no dialeto caipira, difundido pelos bandeirantes. Porém, essa tendência não se deu de maneira uniforme em todo o país, sendo que nos lugares de maior concentração indígena, a língua preferencial foi a tupi-guarani.

Jesuítas e cronistas do período colonial brasileiro, como Padre Anchieta, Frei Ivo d'Evreux, Jean de Lerry, Hans Staden e tantos outros registraram, em suas viagens ao norte do país, a eloquência que os indígenas demonstravam ao comunicar-se, evidenciando a sedução que sentiam pela palavra fácil.

A tradição oral indígena registrava todos os feitos da tribo, não somente enquanto história de uma etnia, mas também enquanto vivências pessoais, imaginário, consolidando as fábulas, os ritmos das danças, o saber sagrado do pajé, a ciência da cura e dos medicamentos, os ritos que acompanham cada uma dessas manifestações e, principalmente, a comunicação. Os pajés ou caraíbas eram os melhores agentes da comunicação, uma vez que percorriam as aldeias vizinhas de tempos em tempos, contatando diversos grupos, levando seus conhecimentos e trazendo, de volta, as informações colhidas em cada paragem, como realça Beltrão (1980, p. 12), comparando-os com os atuais pregadores, evangelizadores e líderes carismáticos. Rodrigues, citado na obra de Cascudo, referindo-se à narrativa indígena denominada poranduba, explica:

Poranduba, não é mais do que a contração da preposição Poro, fazendo as funções do superlativo, Andu, notícias, Aub, fantástico, ilusório, significando Histórias Fantásticas, Fábulas, Abusões, etc; como Porandiba são histórias tristes, más; de Aiba, mal, mau, entretanto que fazem derivar de Porá, habitante, Nheeng, fala e Dyba muito, com significado de Novidades. É verdade que Poranduba pode também ter esta classificação, porém, então a etimologia é outra, vem da mesma preposição Poro e do verbo Endub, escutar, sentir, donde o verbo Porandu, perguntar, questionar, interrogar (Cascudo, 1984, p. 79-80, grifo nosso).

Embora o português fosse a língua oficial brasileira, até meados do século XVIII o idioma mais usado, considerado legitimamente nacional em sua expressão, era o tupi, como nos aponta Sampaio apud Cascudo (1984, p. 84-86), referindo-se ao documento escrito por Padre Vieira, em 1694, no qual mencionava que as famílias dos portugueses e índios em São Paulo viviam tão entrosadas que, tanto umas quanto outras, usavam a língua dos índios para se comunicarem no cotidiano. E a língua portuguesa, as crianças aprenderiam mais tarde, ao entrarem na escola. O autor, ainda, sustenta que "as levas que partiam do litoral, a fazerem descobrimentos, falavam, no geral, o tupi; pelo tupi designavam os novos descobertos, os rios, as montanhas, os próprios povoados [...]". Nesse contexto, o idioma indígena já não era usado tão somente para contar seus feitos, suas histórias, mas num processo contrário, pelos portugueses, principalmente os jesuítas, para ensinar condutas e valores, como ressalta Cascudo (1984, p. 86):

Era um liame de aproximação mesmo entre colonos brancos e a massa mameluca. Os piás e curumins não diziam as fábulas do jabuti mas possivelmente as de Esopo e Fedro. Os padres falavam o nhengatu, a língua boa, não propagavam as lendas nem o espírito do povo humilhado. Levavam no seu bojo sonoro as idéias cristãs da Companhia de Jesus, as armas contra os velhos Pajés (grifo nosso).

O nhengatu tido como "língua boa" tornou-se, então, a língua geral, falada em todos os cantos desse Brasil Colônia, como uma espécie de "esperanto" usado nos âmbitos comercial e diplomático, até que em 12 de outubro de 1727, o rei de Portugal, D. João V, proibiu terminantemente o uso dessa língua na colônia.

O uso da língua nativa se estendia para além da colônia portuguesa, repetindo-se em terras de Espanha, onde o Brasil de hoje (Mato Grosso do Sul) foi o Paraguai de ontem – até 1750, quando, pelo Tratado de Madri, Portugal amplia sua fronteira oeste. Conforme Martins (1993, p. 4), "[...] hoje a língua Guarani é falada por aproximadamente vinte e cinco mil índios no Brasil; oito mil no Paraguai; sessenta mil na Bolívia, além dos quase três milhões de falantes não-índios do Paraguai moderno". No Pantanal e adjacências, desde 1543, os espanhóis transitaram e se estabeleceram; os jesuítas fundaram missões e construíram reduções indígenas; os portugueses avançaram cada vez mais, invadindo e destruindo as reduções jesuíticas espanholas. Os índios que ali viviam falavam o guarani e com o contato com o colonizador espanhol foram misturando o idioma. Beltrão lembra que

Foram os jesuítas que, observando a paixão dos índios pela música, introduziram no dia-a-dia das reduções e missões o uso de instrumentos musicais trazidos da Europa, formando bandas e orquestras, a que juntavam o trocano, a inúbia, o maracá, e até flautas e pífanos feitos das túbias dos inimigos devorados em antigas guerras. À proporção que cristianizavam os curumins e seus parentes, mesclavam os ritos religiosos com música e cânticos indígenas, promoviam procissões integradas por andores e estandartes muito enfeitados, animais ferozes enjaulados 'para render homenagem a Tupã', fogueiras para saudar o nascimento do Batista. Incentivavam as danças da tribo [...] Graças à ação informadora, educadora, socializadora do jesuíta, as aldeias e vilas iam-se transformando em focos de irradiação do sentimento comunitário (Beltrão, 1980, p. 13).

Assim, as populações de um e de outro lado dessa fronteira, Brasil – Paraguai, desenvolveram-se sob as ordens dos respectivos reinados, adotando suas línguas oficiais e marginalizando o idioma guarani. No entanto, ao longo dos dois últimos séculos, esses grupos, nativos, mestiços e seus descendentes desenvolveram, paralelamente, um linguajar peculiar, composto por termos indígenas, mesclados ao da língua oficial. O aprendizado se dá naturalmente, no cotidiano, sem separações de uma ou outra língua. Há nove anos o Paraguai resgatou o uso do idioma guarani, elevando-o à condição de língua oficial, determinando seu aprendizado nas escolas, incentivando a publicação de cartilhas de alfabetização para alunos das redes oficiais de ensino. No Brasil, apesar dos esforços de alguns estudiosos, o idioma indígena continua na marginalidade, excetuando-se poucos trabalhos de resgate em algumas aldeias do país, como acontece na fronteira de Mato Grosso do Sul, nos municípios de Caarapó e Dourados, onde as Secretarias de Educação trabalham a alfabetização a partir do idioma guarani-kaiowa.

Essa exposição inicial serviu para compor a caracterização do fenômeno folclórico escolhido para o presente estudo, sabendo-se que a modalidade linguagem oral abarca diversas formas de linguagem, como vocabulário, expressões, gírias e outros; mas também se estende

à comunicação, no sentido de transmitir informações, contar histórias, ensinar rezas e receitas, aconselhar, cantar para si e para o outro, enfim, pela linguagem ou pelas diversas formas de linguagem, os grupos se articulam, se estruturam, se fortalecem socialmente e reforçam seus conceitos de cidadania. Assim sendo, não estaremos enfocando apenas uma forma de linguagem em especial, mas o tipo de linguagem – o trilingüismo, usado pelos grupos populares da fronteira, compostos por paraguaios e seus descendentes residentes no Brasil, no estado de Mato Grosso do Sul.

HISTÓRIA, CONTEXTO E PROTAGONISTAS

Pela história, sabe-se que o primeiro grande contingente de famílias paraguaias que se refugiaram em terras mato-grossenses foi logo após a Guerra com o Paraguai (1864-1870). Atravessaram a fronteira por causa da perseguição de Solano Lopes, ou motivados pela recém criada indústria da erva-mate em Ponta Porã e, mais tarde, em outros municípios como Porto Murtinho, cuja erva produzida era exportada para o mundo. Conforme Arruda (1993, p. 45), "o guarani dos paraguaios deu nome aos ranchos, a instrumentos de trabalho, aos tipos de erva e obrigou os patrons e a quem quer que fosse [...] a falar o guarani". A segunda debandada do Paraguai deu-se durante a Guerra Civil de 1947, seguida do governo ditatorial de Alfredo Stroessner (1954-1989), pelas perseguições políticas sem fundamentos. Desde o início, os trabalhadores braçais engajaram-se como peões das ranchadas na Cia. Matte Laranjeira, outros como peões em fazendas do Pantanal e regiões adjacentes.

Com eles vinham os costumes da alimentação, do consumo de erva-mate, da musicalidade desenvolvida desde os tempos dos jesuítas, dos ritmos das polcas, e o linguajar de um país colonizado pelos espanhóis, mas com fortes traços indígenas, um misto de espanhol e guarani. Ao se fixarem em terras brasileiras, veio também o aprendizado da língua local, embora esse local já tivesse forte influência hispânica, dada sua origem na ocupação das terras. Com a demarcação oficial da fronteira (final do século XIX) e com o desenvolvimento da indústria da erva-mate (principalmente nas três primeiras décadas do século XX, decrescendo até os anos 50), somado à navegação da Bacia do Prata (mesmo período), muitos dos usos e costumes foram implantados no, então, Mato Grosso, a partir do contato com os países platinos, principalmente, Argentina, Uruguai, Paraguai. Foi, então, que bolicho, bolita, pichito, buenas, charqueada, saladero e tantas outras se tornaram palavras comuns no vocabulário cotidiano. Mas, palavras anteriores a essas, de origem guarani, já haviam se incorporado à fala dessa região: tereré, caà, caacupé, bori-bori, chipa soó, cuña, caraí e muito mais, além dos topônimos que marcaram, desde o início da colonização, a sonoridade da língua indígena: Paiaguá, Xarayes, Apa, Carapã, Caarapó, Tacuru, Guanandi, Guaicuru e muitos outros.

Os espanhóis consideraram os índios guarani os mais musicais, pela sonoridade da fala e por possuírem, segundo o conhecimento empírico, sete vogais (ou letras importantes) em seu alfabeto; além das cinco conhecidas – a, e, i, o, u, mais uma sexta letra - y e a sétima que é representada pelo silêncio por ser especial – é o som da alma. Com essas letras formam-se muitas palavras. Ñê en, significa língua, falar – ou seja, a palavra – a mais forte arma de guerra que o povo guarani teve para enfrentar os inimigos – dialogando, expondo, posicionando-se.

Na lembrança dos entrevistados ficou, do Paraguai, a sonoridade da língua híbrida falada nas ruas, nos mercados (ou bolichos), nas casas das famílias pobres, porque a elite, principalmente em Assunção, não falava o guarani, que era tida como uma língua de "segunda categoria".

Vindos para o Brasil, esses novos brasileiros tiveram que acrescentar mais um repertório idiomático ao seu linguajar. Segundo a jornalista e apresentadora Margarida Román, o importante não é falar separadamente os idiomas, mas "praticar os três ao mesmo tempo, porque a fronteira exige a comunicação para sobreviver", para conseguir trabalho e saber circular em um novo meio social. Esta postura, para eles, tornou-se uma estratégia de sobrevivência, isso é *aguaí* - o sexto sentido, como denominam; é um capital social para comunicação, no sentido religioso-popular, porque o idioma guarani é ritualístico, mantém uma relação intensa com a natureza, com o meio ambiente rural e urbano, podendo-se afirmar que ele é orgânico, está estreitamente ligado à natureza e aos significados que a mesma possibilita.

Com essa ferramenta, os paraguaios-brasileiros vêm se expressando nas suas conversas informais, na família, na rua, nas festas, na música, principalmente polca, chamamé e guarânia, esta última cantada em guarani. É claro que nem sempre eles tiveram liberdade para se expressar usando o trilingüismo; há informações que até a década de 70 as professoras brasileiras proibiam as crianças de falarem em três idiomas ao mesmo tempo, porque consideravam um modo "errado" de comunicação. Porém, na prática, isso era o que prevalecia, principalmente se considerarmos sua validade enquanto sobrevivência na fronteira, onde se tem que saber de tudo um pouco, visando às relações sociais e de trabalho, como dito anteriormente.

São 370 mil descendentes de paraguaios em Mato Grosso do Sul, 180 mil só em Campo Grande. Somando-se à população indígena do Estado, em número de 68 mil, são aproximadamente 400 mil os que falam e/ou entendem, de uma forma ou de outra, o idioma guarani.

Os protagonistas desta história sempre foram, e ainda são, aqueles que detiveram conhecimentos específicos sobre coisas importantes na vida das pessoas. Há uma sacralidade naqueles que têm o *aguaí*, que faz com que haja uma pulsação coletiva dentro de todos. É o caso, por exemplo da machú, ou seja, a grande mãe, a idosa, aquela que benze, que conhece os remédios, a cozinheira que ensina, que aconselha; a promesseira, aquela que organiza as festas dedicadas, principalmente à Virgem de Caacupé, que prepara o altar, a comida, orienta as dançarinas da festa, que ficarão horas homenageando a santa, mantém contato com outras promesseiras, trocando saberes, orientando; o benzedor, que se dedica a curar os males do corpo e da alma, que detém o conhecimento da medicina popular; a parteira, que ajuda a nascer os filhos da terra, que sabe dos segredos íntimos das mulheres do lugar; o padre, porque o povo paraguaio sempre foi muito católico e ouve os conselhos do sacerdote; os organizadores de bailes e serenatas, estas aconteciam mais amiúde, na fronteira, até há duas décadas, antes da chegada da televisão.

Todas essas características são muito fortes, principalmente no município de Porto Murtinho e se repetem com igual ou menor intensidades nos demais municípios fronteiriços como: Bela Vista, Nioaque, Bonito, Jardim, Ponta Porã, Caracol, Antônio João, Aral Moreira, Laguna Carapã, Amambaí, Coronel Sapucaia, Paranhos, Tacuru, na capital - Campo Grande, e seu entorno, manifestando-se de forma mais diluída nos demais municípios.

PROCESSOS FOLKMIÁDICOS

1 Rádio Educativa FM 104.7

O veículo de comunicação usado na intermediação entre a manifestação popular estudada e sua veiculação na mídia é a Rádio Educativa FM 104.7, que entrou no ar em 1994. É mantida pelo governo do Estado e organizada em sistema de fundação, com a finalidade de oferecer programas educativos e culturais, diferenciados das demais emissoras comerciais instaladas em Campo Grande/MS. Essa rádio sempre manteve uma programação musical variada, atendendo aos diferentes gostos musicais, como blues, música erudita, música regional, rock e, principalmente, MPB de qualidade, além de noticiário e programas de entrevistas. As propagandas são de cunho social e de divulgação dos próprios programas da emissora. A constante mudança política que promove a troca da direção da fundação faz com que seu perfil técnico, às vezes, tenha seus alicerces abalados, como aconteceu em fevereiro de 2003, quando houve o interesse, por parte da emissora, em comercializar espaços na grade diária, para que a mesma se auto-sustentasse e, assim, incorporou programação de uma rede Pop Sat, ocupando 10 das 24 horas de sua apresentação tradicional. A reação do setor cultural foi imediata, quando passou a ouvir uma programação nada diferente das demais emissoras (dos chamados "sertanejos" ao pagode e funk), o que promoveu a revisão desta atitude por parte da administração.

2 Ñe' ê ngatu - Jornalismo e entretenimento

Ñe' ê ngatu, cuja tradução é falador, comunicador, fofoqueiro - é um programa jornalístico e de entretenimento, auto-denominado de indo-latino, com as seguintes características: musical, informativo-cultural e entrevistas e é falado intercaladamente em três idiomas: o guarani, o espanhol e o português - o idioma trilingüe da região de fronteira. O programa alcança os ouvintes de Campo Grande e dos municípios do entorno: Terenos, Dois Irmãos, Ribas do Rio Pardo, Rochedo, Rochedinho, Bandeirantes, Jaraguari, Sidrolândia, estendendo-se até Maracaju.

Como exemplo de abertura desse programa, transcrevo abaixo a fala da apresentadora:

Ñande pújare imarangatuve jahguá, oñêpürü agha, ñe' ê ngatu. Buenas noches. Soy Margarida Román y usted está en ñe' ê ngatu, programa indo-latino informativo, educativo y cultural de la comunidad paraguaya guarani, residentes en Campo Grande, sigue, en directo con ñe' ê ngatu, [...]. Este é o seu ñe' ê ngatu desta quarta-feira, dezoito de dezembro de 2002.

Segundo a apresentadora, foram gastos vinte anos para que esse programa fosse ao ar, nesse formato, depois de várias tentativas, inclusive a de inserção nas páginas dos jornais no caderno de literatura e outros ensaios. Como já foi dito, a oralidade é uma característica do povo paraguaio pela sua formação educativa indígena, porém levada às páginas dos jornais, tornava difícil sua compreensão. Também, pela dificuldade de entendimento do setor da comunicação em admitir a sonoridade diferente do idioma, sendo que a própria apresentadora trazia o sotaque da fronteira em contraposição à cobrança da fala padrão, exigida pelas emissoras, o projeto sempre foi rejeitado. Entretanto, o programa conseguiu seu espaço, apesar

dessas dificuldades, pois precisou de uma compreensão maior da proposta por parte dos responsáveis pela emissora.

O programa, no ano de 2002, foi ao ar todas as quartas-feiras, no horário das 19 às 20h, sendo previamente gravado com um ou dois dias de antecedência. Dada a audiência alcançada pelo programa³, em 2003 ele ganhou mais tempo, sendo apresentado às segundas, quartas e sextas-feiras, com uma hora de duração, permanecendo no mesmo horário, logo após a "Hora do Brasil". Agora, o ñe' ê ngatu é apresentado ao vivo, com uma pauta participativa dos ouvintes, tornando-o interativo, e sua programação vem sendo formatada da seguinte maneira: para as segundas-feiras - uma abordagem visando às áreas da saúde e esporte, cuja dinâmica é baseada em entrevistas com profissionais da área, visando, principalmente, à terceira idade marginalizada. Às quartas-feiras o enfoque é para as áreas da política e economia, usando a mesma dinâmica do programa anterior, e às sextas-feiras o programa é dedicado ao "bailão do Ñe' ê ngatu", com muita música e o mínimo de fala.

CARACTERIZAÇÃO DO ÑE' Ê NGATU

Os entrevistados são pessoas ligadas, política, cultural ou academicamente à temática do programa, visando ao fornecimento de informações atualizadas, que estão em discussão na mídia internacional/nacional/local. Mas são, também, pessoas que se destacam na comunidade por seus feitos artísticos, culturais, assistenciais e outros. Às vezes, o entrevistado preenche os dois campos, como é o caso de um médico paraguaio, recém formado, que está, no momento, fazendo residência em Campo Grande na área de cirurgia cardíaca e que conhece e fala guarani. Ofereceu-se para desenvolver, no programa, a temática da saúde voltada à terceira idade, na proposta trilingüista.

Alguns convidados, como arqueólogos, sociólogos, secretários de cultura, delegados de polícia, cônsules, embaixadores, especialistas em políticas internacionais, são os entrevistados que esclarecem fatos, polêmicas, gerando reflexões. Um exemplo destacado durante as pesquisas foi do programa anterior ao início do ataque dos Estados Unidos ao Iraque, quando a Prof^a. Georgete Nacarato Naso, da USP, especialista em Direito Internacional, entrevistada por telefone, falou sobre as implicações políticas da iminente guerra entre Estados Unidos e Iraque. A apresentadora, nos intervalos da fala da entrevistada, reorganizava as informações de acordo com a linguagem da fronteira, desempenhando seu papel de comunicadora.

Durante os programas, em geral, entre uma pergunta e outra, feita pela apresentadora e por seu assistente de produção, Ricardo Carandina (neste caso, ambos comunicadores), a apresentadora reorganiza a resposta da entrevistada, usando, não só a fala trilingüe, mas as entonações necessárias à emissão da mensagem, para sua exata decodificação pelo ouvinte. Como já foi dito anteriormente, o idioma guarani é carregado de uma sonoridade ímpar, somada a alguns silêncios, que lhe darão o significado exato para o entendimento do receptor. Neste momento, a apresentadora assume o papel de intérprete das mensagens emitidas pelo

³ Não há uma pesquisa oficial sobre isso, tem-se apenas uma idéia pelo volume de depoimentos orais aos funcionários da rádio (quando se encontram nos lugares públicos) e nos e-mails que chegam, expressando opiniões.

comunicador erudito, apresentando-as de forma compreensível (nos códigos próprios) ao entendimento do receptor.

Outros convidados são pessoas do povo, como é o caso da senhora Aída, conhecedora dos segredos da comida paraguaia. Ela falou sobre a ciência da culinária tradicional e a possibilidade de congregar as mulheres, da terceira idade, para criarem uma cooperativa e desenvolverem suas habilidades, visando à ocupação do tempo, a fim de não se sentirem improdutivas no seio da família. Assim como dona Aída, também dona Corina esteve no programa, contando sobre o milagre que recebeu de Nossa Senhora de Caacupé, o que a levou a construir, na Vila Popular, uma igreja em sua homenagem e em agradecimento. Solano Dionízio Cáceres foi o entrevistado que falou sobre a outra face da ditadura de Stroessner, como se davam as perseguições e outros detalhes. Foram entrevistados alguns artistas, divulgadores da música popular da fronteira e também raizeiros que detêm o conhecimento das ervas e raízes que curam diversos males, além de muitas outras pessoas.

Intercalando com a fala dos entrevistados, há a participação do público, por telefone⁴, que também se comunica através dos três idiomas, ou apenas dois. Nesse instante, o ouvinte faz perguntas, fornece "dicas", divulga seu trabalho, por exemplo, de cozinheira - das delícias gastronômicas paraguaias, de rendeira - das rendas de ñanduti, de endereços de benzedores e rezadores, que desempenham o papel dos médicos populares, solicitando que os mesmos sejam entrevistados no programa. Nos intervalos das falas tocam-se músicas, preferencialmente as polcas, chamamés e guarânias, mas podem ser selecionadas outras músicas populares da América Latina, com especial atenção às caribenhas (salsas, merengues, rumbas).

Às sextas feiras, a oportunidade é de oferecer uma seleção de polca para ouvir ou dançar. O uso da fala é mínimo, somente o necessário. As poucas inserções neste programa são de ouvintes divulgando programação de suas associações, cursos e serviços.

No geral, em todos os programas, os ouvintes opinam sobre o tema do dia, dialogam com a apresentadora e solicitam ajuda. Beltrão salienta que,

Enquanto os discursos da comunicação social são dirigidos ao mundo, os da folkcomunicação a um mundo em que palavras, signos gráficos, gestos e atitudes, linhas e formas mantêm relações muito tênues com o idioma, a escrita, a dança, os rituais, as artes plásticas, o trabalho e o lazer, com a conduta, enfim, das classes integradas da sociedade (Beltrão, 1980, p. 40).

Por isso, a linha editorial do programa está calcada sobre a construção da auto-estima desses brasileiros de fronteira; a valorização da identidade guarani-paraguaia, presente em MS e herdada de seus antepassados; a compreensão da necessidade de uma base de comunicação apropriada, sinérgica, de integração, para entender uma verdade que não se tem como confirmar em documentos históricos, porque é a verdade do perdedor, que são as forças políticas de resistência (no Paraguai) que chegaram em MS. E isso não está nos livros, está na memória, na história oral.

⁴ Foi contratado um assistente direto, que fala o espanhol, cujo trabalho, além de cuidar da programação, contata entrevistados e, durante o programa, desloca-se a um bairro, previamente escolhido e divulgado, para colocar o ouvinte no ar.

ENFOQUE

O que está sendo dito no Ñe'ê ngatu? Que histórias estão sendo contadas? Que notícias estão sendo veiculadas? Que tipos de relações estão sendo estabelecidas entre a emissora e os ouvintes, entre estes e a apresentadora, entre os próprios ouvintes? Essas são perguntas que não serão respondidas aqui, merecem estudos minuciosos, cujas reflexões deverão caminhar em várias direções, porém, é possível começar a pensar agora.

Como salienta Schmidt (2002, p. 2), "a relação entre cultura e mídia – seja ela local ou global - é um jogo de ecos onde a realidade é um conjunto de informações produzidas por ambas, e os cidadãos formam o público consumidor e ao mesmo tempo comunicador". Mais adiante, a mesma autora relembra as palavras do professor Hohlfeldt:

A folkcomunicação não é, pois, o estudo da cultura popular ou do folclore, é bom que se destaque com clareza. A folkcomunicação é o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos (Schmidt, 2002).

De fato, o Ñe'ê ngatu é um programa vivo, um programa de trocas, um programa, que como diz a apresentadora, "não termina quando ela se despede com o boa noite". Ele continua nas casas e nas falas das pessoas, porque estas já vão se articulando para o próximo encontro, comentando e repassando as notícias que ouviram.

O programa reaviva a memória dos mais idosos que, ao ouvirem as músicas, relembram das experiências coletivas durante bailes, promovidos nas festas da santa ou em casa dos amigos; das serenatas organizadas para celebrarem o amor, a amizade, das rodas de tereré todas as tardes em casa de alguém (estas ainda permanecem). Permite, também, um encontro kuña kuñandi, ou seja, de mulher para (com) mulher, pelo fato de ser uma apresentadora, mulher nascida e criada na fronteira, falando a centenas de outras mulheres que vivenciaram os mesmos fazeres e adquiriram os mesmos saberes. Na lembrança, centenas de meninas dançaram, cantaram e, depois, foram cerceadas na escola, por não serem entendidas no novo contexto social.

O Ñe'ê ngatu possibilita, também, destacar a kuña baretê, isto é, a "mulher corajosa", que está por aí, às centenas, sempre prontas a ajudar na solução dos problemas. O programa permite descortinar o apego nacionalista que têm os paraguaios às suas tradições. As músicas compostas, principalmente na era Stroessner têm um componente nacionalista de resistência muito forte, os artistas cantam sua terra com ardor, demonstrando a saudade do lugar.

Assim, o programa procura atingir essas pessoas que, de uma forma ou de outra, têm dificuldade em voltar para o seu país de origem, ou de seus pais, que foram pouco a pouco se incorporando à vida brasileira, guardando o sentimento construído na infância e adolescência.

O Ñe'ê ngatu resgata a sabedoria popular do rezador contra picadas de cobra; do benzedor de animais, o "veterinário" de então; do benzedor e raizeiro, praticante de uma medicina milenar, conhecedor de todos os segredos da fitoterapia e das magias de cura que, hoje, podem nos parecer uma bobagem, mas que tiveram sentido e foram necessárias num contexto onde não havia médicos, nem postos de saúde.

Grande parte dos trabalhadores vem da área pastoril, muitos não estão devidamente documentados e ficam sujeitos à espoliação dos patrões. O programa promove a regularização da situação dessas pessoas, colocando-as em contato com o consulado ou outros órgãos responsáveis, prestando, então, serviços de utilidade pública, resgatando a cidadania.

A fala do programa e as músicas chamam a atenção, são familiares, o que leva à audição do mesmo. Estando em sintonia, aproveita-se para informar e, num processo de mão dupla, informar-se. Essas são algumas das maneiras possíveis, encontradas pelo Ñe'ê ngatu, na reconstrução da auto-estima, no rompimento de barreiras ao acesso para aquisição de conhecimento e na socialização da informação.

CONCLUSÕES

Ñe'ê ngatu é um programa de rádio que, por meio da comunicação, se propõe à estabelecer uma rede de contatos com pessoas originárias da fronteira Mato Grosso do Sul - Paraguai, estudiosos e instituições, para encontrar um caminho possível para a transformação, visto que sua proposta inicial nasce de um projeto maior denominado "Projeto Pantanal", que envolve órgãos governamentais, Ongs, e proprietários/pecuaristas da região. Nesse sentido, sua linha editorial encontra suporte no programa de desenvolvimento sustentável. Tanto é assim que, no momento, os ouvintes do bairro Tiradentes já decidiram que os próximos programas, das sextas feiras, serão feitos com a participação exclusiva dos moradores daquele bairro, ou seja, de receptores passam a ser os emissores no processo de utilização dos meios massivos de comunicação.

O fenômeno mais forte que liga as pessoas da região de fronteira é, sem dúvida a comunicação popular, desenvolvida através do trilingüismo, seguido dos costumes populares realçados na comida, na música, na religiosidade.

Assim escreveu Beltrão, apud Marques de Melo:

Não há melhor laboratório para a observação do fenômeno comunicacional do que a região. Uma região é o palco em que, por excelência, se definem os diferentes sistemas de comunicação cultural, isto é, do processo humano de intercâmbio de idéias, informações e sentimentos, mediante a utilização de linguagens verbais e não-verbais e de canais naturais e artificiais empregados para a obtenção daquela soma de conhecimentos e experiências necessárias à promoção da convivência ordenada e do bem-estar coletivo. [...] Uma região se define antropossociologicamente pelos seus habitantes e sua estrutura social: população, raça, língua, crenças, costumes e tradições, organização familiar e política, economia, maior ou menor grau de abertura às influências exteriores, vias de acesso de meios de comunicação disponíveis. Conhecer uma região é pré-requisito ao diálogo que se deseja manter com os seus habitantes [...] (Marques de Melo, 2001, p. 153).

Esses habitantes são brasileiros, mas são usuários de uma cultura que o Brasil desconhece.

Como diz a apresentadora, referindo-se à cultura do povo fronteiriço, ña nde báê, quer dizer, "isso é nosso", tem que ser trazido à tona, divulgado, discutido e valorizado. O programa torna-se, assim, um canal transformador de posturas da sociedade circundante para com os grupos de fronteira e vice-versa.

Ñe' é ngatu é um espaço importante, na medida em que as pessoas ouvem e se identificam. A lembrança se abre para o passado, com vistas ao futuro, porque possibilita às pessoas não só recordarem suas tradições, mas buscarem novos contatos, proporem festas, reuniões, associações, enfim fortalecerem os laços sociais.

Falado em guarani/espanhol/português, de certa forma possibilita a divulgação de informações com eficiência, porque há maior facilidade de entendimento, dada a dificuldade que algumas pessoas têm de entender a língua e a linguagem padrão dos meios de comunicação.

Portanto, o espaço ocupado pelo programa revela que, até o momento, foi uma conquista árdua de todos os envolvidos, mas possível de ser explorado. O que falta, ainda, é um reconhecimento maior do próprio meio massivo de comunicação, que está mais preocupado em comercializar e capitalizar seus produtos do que olhar para a produção cultural da região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Gilmar. O trabalho paraguaio na Matte Laranjeira. **Arca**, Campo Grande, n. 4, p. 44-7, dez. 1993.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. Mediações Comunicacionais: relações entre mídia e folclore. In: MARQUES DE MELO, José. **Mídia e Folclore**. Maringá, São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO de Comunicação, 2001.

BENJAMIN, Roberto Emerson. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: CCHLA, UFPB, 2000.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

MARQUES DE MELO, José (Org). **Mídia e folclore: o estudo da Folkcomunicação segundo Luiz Beltrão**. São Bernardo do Campo: UMESP/Cátedra Unesco, 2001.

DONADON-LEAL, José Benedito. **Linguística e folclore**. ICHS, UFOP, 2002.

LIMA, Rossini Tavares de; ANDRADE, Julieta de. **Escola de Folclore: estudo e pesquisa de cultura espontânea**. São Paulo: Escola de Folclore, 1983.

MARTINS, Gilson Rodolfo. A cultura guarani na formação da sociedade paraguaia. **Arca**, Campo Grande, n. 4, p. 4-9, dez. 1993.

SCHMIDT, Cristina. **Roteiro de pesquisa para a VI Folkcom**. 2002 (mimeo).

SIGRIST, Marlei. **Chão batido**: a cultura popular de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: UFMS, 2000.

_____. A resistência cultural do povo paraguaio. **Arca**, Campo Grande, n. 4, p. 55-60, dez. 1993.

